



NUNCA
ME SENTI SÓ

Os últimos discursos do Papa



LIBRERIA EDITRICE VATICANA



Nunca me senti só

Os últimos discursos do Papa

Título

Nunca me senti só – Os últimos discursos do Papa

Autor

Bento XVI

Edição e copyright

Lucerna, Cascais

1.ª edição – Março de 2013

© Príncipe Editora, Lda.

Título e copyright originais

Non mi sono mai sentito solo – Gli ultimi discorsi del Papa

© Libreria Editrice Vaticana, 2013

© Serviço Fotográfico de *L'Osservatore Romano*

(foto da capa: audiência geral de 27 de fevereiro de 2013)

Revisão do texto português Maria João Favila Vieira Carmona

Tradução da «Apresentação» Ana Sasseti da Mota

Execução gráfica Diário do Minho, Lda.

ISBN 978-989-8516-50-3 • **Depósito legal** ????????????

Lucerna

Rua Vasco da Gama, 60-C – 2775-297 Parede – Portugal

Tel.: +351 214 678 710 • Fax: +351 214 678 719 • principia@principia.pt • www.lucerna.pt



Bento XVI

Nunca me senti só

Os últimos discursos do Papa



APRESENTAÇÃO

Passaram quase oito anos desde que o cardeal Joseph Ratzinger aceitou o ministério petrino sob o nome de Bento XVI. Na última audiência geral, a 27 de fevereiro, muito comovido, diante de uma praça apinhada de gente proveniente das mais diversas partes do Mundo, o Papa agradeceu a Deus o facto de ter estado sempre junto dele e o ter guiado, apesar da sua fragilidade humana, em todas as ocasiões, desde os encontros às audiências, às viagens ou às visitas pastorais. É o Senhor quem conduz e guia sempre a sua Igreja, sobretudo nos momentos difíceis, através dos homens que escolheu. Ele prometeu à Igreja que nunca lhe faltaria com a sua presença: «Eu estarei convosco até ao fim dos tempos» (cf. Mt 28, 20).

O Papa gostaria de ter agradecido pessoalmente a todos os irmãos e irmãs que o acompanharam fielmente com as suas orações durante os anos do seu pontificado no trabalho da vinha do Senhor. A todos os que, no silêncio, na sombra, prestam serviço à Sé de Pedro nos diversos setores. Esta é a Igreja viva, uma co-

munhão de irmãos e irmãs reunidos em Cristo, que nunca abandona o seu rebanho e está sempre próximo, tanto na alegria como no sofrimento.

A Livraria Vaticana e muitas das editoras católicas que publicaram obras de Joseph Ratzinger/Bento XVI – entre as quais a Príncípa Editora, que, sob as suas chancelas Príncípa e Lucerna, publicou mais de uma vintena das que vieram a lume em língua portuguesa – acompanharam o Papa no seu ministério petrino desde o início do seu pontificado e deram às suas obras um relevo essencial nos seus catálogos.

Este volume, numa coedição entre a Lucerna e a Livraria Editrice Vaticana, reúne as catequeses, as orações do *Angelus* e os vários discursos proferidos pelo Sumo Pontífice Bento XVI desde a data da sua renúncia à Cátedra de Sucessor de São Pedro, a 11 de fevereiro, até ao início da Sede Vacante, a 28 de fevereiro de 2013. Trata-se de uma pequena homenagem, sinal da fidelidade da LEV e da Lucerna ao Santo Padre.

Um sinal de agradecimento e de reconhecimento.

NUNCA ME SENTI SÓ



PATRUM CARDINALIUM CONSISTORIUM AD SUFFRAGIA FERENDA
DE NONNULLIS CANONIZATIONIS CAUSIS

DECLARATIO

Fratres carissimi

Non solum propter tres canonizationes ad hoc Consistorium vos convocavi, sed etiam ut vobis decisionem magni momenti pro Ecclesiae vita communicem. Conscientia mea iterum atque iterum coram Deo explorata ad cognitionem certam perveni vires meas in-gravescente aetate non iam aptas esse ad munus Petrinum aequè administrandum.

Bene conscius sum hoc munus secundum suam essentiam spi-ritualem non solum agendo et loquendo exsequi debere, sed non minus patiendo et orando. Attamen in mundo nostri temporis rapi-dis mutationibus subiecto et quaestionibus magni ponderis pro vita fidei perturbato ad navem Sancti Petri gubernandam et ad annuntian-dum Evangelium etiam vigor quidam corporis et animae necessarius est, qui ultimis mensibus in me modo tali minuitur, ut incapacitatem

meam ad ministerium mihi commissum bene administrandum agnoscere debeam. Quapropter bene conscius ponderis huius actus plena libertate declaro me ministerio Episcopi Romae, Successoris Sancti Petri, mihi per manus Cardinalium die 19 aprilis MMV commissio renuntiare ita ut a die 28 februarii MMXIII, hora 20, sedes Romae, sedes Sancti Petri vacet et Conclave ad eligendum novum Summum Pontificem ab his quibus competit convocandum esse.

Fratres carissimi, ex toto corde gratias ago vobis pro omni amore et labore, quo mecum pondus ministerii mei portastis et veniam peto pro omnibus defectibus meis. Nunc autem Sanctam Dei Ecclesiam curae Summi eius Pastoris, Domini nostri Iesu Christi confidimus sanctamque eius Matrem Mariam imploramus, ut patribus Cardinalibus in eligendo novo Summo Pontifice materna sua bonitate assistat. Quod ad me attinet etiam in futuro vita orationi dedicata Sanctae Ecclesiae Dei toto ex corde servire velim.

*Ex Aedibus Vaticanis,
die 10 mensis februarii MMXIII*

Benedictus PP XVI



CONSISTÓRIO PARA O VOTO SOBRE ALGUMAS
CAUSAS DE CANONIZAÇÃO

DECLARAÇÃO^{NE}

Caríssimos Irmãos

Convoquei-vos para este Consistório não só por causa das três canonizações, mas também para vos comunicar uma decisão de grande importância para a vida da Igreja. Depois de ter examinado repetidamente a minha consciência diante de Deus, cheguei à certeza de que as minhas forças, devido à idade avançada, já não são idóneas para exercer adequadamente o ministério petrino. Estou bem consciente de que este ministério, pela sua essência espiritual, deve ser cumprido não só com as obras e com as palavras, mas também e igualmente sofrendo e rezando. Todavia, no mundo de hoje, sujeito a rápidas mudanças e agitado por questões de grande

^{NE} Todas as transcrições de documentos da autoria do Papa publicados pelo Vaticano foram confrontadas com as versões dos mesmos constantes da respetiva página na Internet (www.vatican.va), consultada em março de 2013.

relevância para a vida da fé, para governar a barca de São Pedro e anunciar o Evangelho é necessário também o vigor quer do corpo, quer do espírito; vigor este que, nos últimos meses, foi diminuindo de tal modo em mim que tenho de reconhecer a minha incapacidade para administrar bem o ministério que me foi confiado. Por isso, bem consciente da gravidade deste ato, com plena liberdade, declaro que renuncio ao ministério de Bispo de Roma, Sucessor de São Pedro, que me foi confiado pela mão dos cardeais a 19 de abril de 2005, pelo que, a partir de 28 de fevereiro de 2013, às 20.00 horas, a sede de Roma, a sede de São Pedro, ficará vacante e deverá ser convocado, por aqueles a quem tal compete, o conclave para a eleição do novo Sumo Pontífice.

Caríssimos Irmãos, verdadeiramente de coração vos agradeço por todo o amor e a fadiga com que carregastes comigo o peso do meu ministério, e peço perdão por todos os meus defeitos. Agora confiemos a Santa Igreja à solícitude do seu Pastor Supremo, Nosso Senhor Jesus Cristo, e peçamos a Maria, sua Mãe Santíssima, que assista, com a sua bondade materna, os Padres Cardeais na eleição do novo Sumo Pontífice. Pelo que me diz respeito, nomeadamente no futuro, quero servir de todo o coração, com uma vida consagrada à oração, a Santa Igreja de Deus.

Vaticano,

10 de fevereiro de 2013

Benedictus PP XVI

AUDIÊNCIA GERAL

SALA PAULO VI
QUARTA-FEIRA, 13 DE FEVEREIRO DE 2013

Queridos irmãos e irmãs

Como sabeis, decidi... – obrigado pela vossa amizade! – ... decidi renunciar ao ministério que o Senhor me confiou no dia 19 de abril de 2005. Fi-lo em plena liberdade para o bem da Igreja, depois de ter longamente rezado e examinado diante de Deus a minha consciência, bem ciente da gravidade de tal ato mas igualmente ciente de já não ser capaz de desempenhar o ministério petrino com a força que o mesmo exige. Anima-me e ilumina-me a certeza de que a Igreja é de Cristo, o Qual não lhe deixará jamais faltar a sua orientação e a sua solicitude. Agradeço a todos pelo amor e pela oração com que me tendes acompanhado. Obrigado! Nestes dias, não fáceis para mim, senti quase fisicamente a força da oração que me proporciona o amor da Igreja, a vossa oração. Continuei a rezar por mim, pela Igreja, pelo futuro Papa. O Senhor vos guiará.

* * *

As tentações de Jesus e a conversão para o Reino dos Céus

Amados irmãos e irmãs

Hoje, Quarta-Feira de Cinzas, damos início ao Tempo litúrgico da Quaresma, quarenta dias que nos preparam para a celebração da Santa Páscoa; é um tempo de compromisso particular no nosso caminho espiritual. O número quarenta aparece várias vezes na Sagrada Escritura. De modo particular, como sabemos, ele evoca os quarenta anos durante os quais o povo de Israel peregrinou no deserto: um longo período de formação para se tornar o povo de Deus, mas também um longo período em que a tentação de ser infiel à aliança com o Senhor estava sempre presente. Quarenta foram também os dias de caminho do profeta Elias para chegar ao Monte de Deus, o Horeb; assim como o período que Jesus passou no deserto antes de começar a sua vida pública e onde foi tentado pelo diabo. Na catequese hodierna, gostaria de meditar precisamente sobre este momento da vida terrena do Senhor, que leremos no Evangelho do próximo domingo.

Antes de tudo, o deserto, onde Jesus Se retira, é o lugar do silêncio, da pobreza, onde o homem permanece desprovido das ajudas materiais e se encontra diante dos pedidos fundamentais da existência, é impelido a ir ao essencial e, precisamente por isso, é-lhe mais fácil encontrar Deus. Mas o deserto é inclusive o lugar da morte, pois onde não há água também não há vida, e é o lugar da solidão, onde o homem sente mais intensa a tentação. Jesus vai ao deserto, e ali padece a tentação de deixar o caminho indicado pelo Pai para seguir outras veredas, mais fáceis e mundanas (cf. *Lc 4*, 1-13). Assim, Ele assume as nossas tentações, traz Consigo a nossa

miséria, para vencer o maligno e para nos abrir o caminho rumo a Deus, a senda da conversão.

Meditar sobre as tentações às quais Jesus foi submetido no deserto é um convite feito a cada um de nós para responder a uma pergunta fundamental: o que conta verdadeiramente na minha vida? Na primeira tentação, o diabo propõe a Jesus que transforme uma pedra em pão, para saciar a fome. Jesus afirma que o homem vive *também* de pão, mas *não só* de pão: sem uma resposta à fome de verdade, à fome de Deus, o homem não se pode salvar (cf. vv. 3-4). Na segunda tentação, o diabo propõe a Jesus o caminho do poder: condu-l'O para o alto e oferece-Lhe o domínio do mundo; mas não é este o caminho de Deus: para Jesus é evidente que não é o poder mundano que salva o mundo, mas o poder da cruz, da humildade e do amor (cf. vv. 5-8). Na terceira tentação, o diabo propõe a Jesus que Se lance do pináculo do Templo de Jerusalém para Se fazer salvar por Deus mediante os seus anjos, ou seja, que realize algo sensacional para pôr à prova o próprio Deus; mas a resposta é que Deus não é um objeto ao qual impomos as nossas condições: é o Senhor de tudo (cf. vv. 9-12). Qual é o núcleo das três tentações que Jesus sofre? É a proposta de instrumentalizar Deus, de O usar para os próprios interesses, glória e sucesso. E, portanto, nomeadamente, de se colocar no lugar de Deus, removendo-O da sua existência e fazendo-O parecer supérfluo. Então, cada um deveria interrogar-se: que lugar tem Deus na minha vida? O Senhor é Ele, ou sou eu?

Superar as tentações de submeter Deus a nós mesmos e aos nossos interesses, ou de pôr num canto, e converter-se à justa ordem de prioridades, reservar para Deus o primeiro lugar é um caminho que cada cristão deve percorrer sempre de novo. «Converter-se», um convite que ouviremos muitas vezes na Quaresma, significa seguir Jesus de modo a que o seu Evangelho seja guia concreto da vida; quer dizer deixar que Deus nos transforme, deixar de pensar

que nós somos os únicos construtores da nossa existência; significa reconhecer que somos criaturas, que dependemos de Deus, do seu amor, e que só «perdendo» a nossa vida n'Ele podemos ganhá-la. Isto exige que façamos as nossas escolhas à luz da Palavra de Deus. Hoje não podemos continuar a ser cristãos como uma simples consequência do facto de vivermos numa sociedade que tem raízes cristãs: até quem nasce de uma família cristã e é educado religiosamente deve, todos os dias, renovar a escolha de ser cristão, ou seja, reservar para Deus o primeiro lugar, diante das tentações que uma cultura secularizada lhe propõe continuamente, diante do juízo crítico de muitos contemporâneos.

Com efeito, as provações às quais a sociedade atual submete o cristão são numerosas, e dizem respeito à sua vida pessoal e social. Não é fácil ser fiel ao matrimónio cristão, praticar a misericórdia na vida quotidiana, dar espaço à oração e ao silêncio interior; não é fácil opor-se publicamente a escolhas que muitos consideram óbvias, como o aborto em caso de gravidez indesejada, a eutanásia em caso de doenças graves, ou a seleção dos embriões para prevenir enfermidades hereditárias. A tentação de pôr de lado a própria fé está sempre presente e a conversão torna-se uma resposta a Deus, que deve ser confirmada muitas vezes na vida.

São exemplo e estímulo as grandes conversões, como a de São Paulo no caminho de Damasco, ou a de Santo Agostinho, mas também na nossa época de eclipse do sentido do sagrado a graça de Deus está em ação e realiza maravilhas na vida de muitas pessoas. O Senhor não Se cansa de bater à porta do homem em contextos sociais e culturais que parecem absorvidos pela secularização, como aconteceu com o russo ortodoxo Pavel Florensky. Depois de uma educação completamente agnóstica, a ponto de sentir verdadeira hostilidade pelos ensinamentos religiosos recebidos na escola, o cientista Florensky exclamou: «Não, não se pode viver sem Deus!»; e mudou completamente a sua vida, a ponto de se tornar monge.

Penso também na figura de Etty Hillesum, uma jovem holandesa de origem judaica que morreria em Auschwitz. Inicialmente distante de Deus, descobre-O olhando em profundidade para dentro de si mesma e escreve: «Dentro de mim existe um poço muito profundo. E nesse poço está Deus. Às vezes consigo alcançá-l’O, mas na maioria das vezes está coberto por pedras e areia; então, Deus está sepultado. É necessário que eu volte a desenterrá-l’O» (*Diário*, 97). Na sua vida dispersa e inquieta, ela encontra Deus precisamente no meio da grande tragédia de Novecentos, o Shoah. Esta jovem frágil e insatisfeita, transfigurada pela fé, transforma-se numa mulher cheia de amor e de paz interior, capaz de afirmar: «Vivo constantemente em intimidade com Deus».

A capacidade de se opor às adulações ideológicas do seu tempo, para escolher a busca da verdade e para se abrir à descoberta da fé, é testemunhada por outra mulher da nossa época, a norte-americana Dorothy Day. Na sua autobiografia, confessa abertamente que caiu na tentação de resolver tudo com a política, aderindo à proposta marxista: «Eu queria sair com os manifestantes, ir para a prisão, escrever, influenciar os outros e deixar o meu sonho ao mundo. Quanta ambição e quanta busca de mim mesma havia em tudo isso!». O caminho rumo à fé num ambiente tão secularizado era particularmente difícil, mas a Graça age sempre, como ela mesma sublinha: «Sem dúvida, eu sentia com mais frequência a necessidade de ir à igreja, de me ajoelhar, de inclinar a cabeça em oração. Um instinto cego, poder-se-ia dizer, porque eu não estava consciente de rezar. Mas ia, inseria-me na atmosfera de oração [...]». Deus levou-a a uma adesão consciente à Igreja, numa vida dedicada aos deserdados.

Na nossa época não são poucas as conversões entendidas como o retorno de quem, depois de uma educação cristã talvez superficial, se afasta da fé durante anos e depois volta a descobrir Cristo e o seu Evangelho. No *Livro do Apocalipse* lemos: «Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, en-



*«Sou simplesmente um peregrino
que inicia a última etapa
da sua peregrinação nesta Terra.»*

Benedictus PP XVI

www.principia.pt

ISBN 978-989-8516-50-3



9 789898 516503

Apoio



Renascença